

Para Dupas, a ameaça é uma posição antiética

"Essa ameaça de rompimento dos bancos europeus é, no mínimo, antiética, uma vez que o Brasil está pagando os juros de forma correta a seus credores. Trata-se de uma pressão à qual o País não deve submeter-se", disse ontem o presidente da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, Gilberto Dupas, a propósito da ameaça dos banqueiros europeus de romper o acordo para a prorrogação dos créditos de curto prazo. Em sua opinião, trata-se de uma posição intransigente, que não será mantida até o final das negociações. Entretanto, lembrou que, se isso ocorrer, poderá comprometer toda a negociação, uma vez que o "pacote é regido por um único esquema".

Dupas disse que os europeus sempre adotaram uma postura mais conservadora, garantindo margens para eventuais perdas. "Talvez por isso se sintam mais tranqüilos para endurecer ainda mais as suas posições: acham que terão menos a perder." Para o banqueiro, "os credores deveriam levar em consideração a situação tranqüila da balança externa brasileira, que permite ao País pagar em 86 todos os seus juros e ainda importar alimentos no valor de US\$ 1 bilhão para enfrentar a seca. Temos condições de não nos submetermos às pressões, ao monitoramento exigido pelos bancos e temos o direito de pagarmos *spreads* menos escandalosos".

Por sua vez, o vice-presidente do Banco Real, Juarez Soares, acha pouco provável que esse rompimento se concretize. "Que motivos teriam para tomar tal atitude?" indagou lembrando que todas as linhas de crédito mantidas pelo Real já foram prorrogadas por seis meses. "Em todos contatos que mantivemos com nossos agentes europeus não sentimos essa ameaça." Segundo ele, um boicote traria mais problemas para os banqueiros europeus do que para o Brasil: "O País vai deixar de pagar os juros em dia. É claro que poderemos enfrentar problemas de crédito para as exportações, mas o governo poderá compensar isso".

Também o diretor de comércio exterior do Banespa, José Sampaio Filho, não acredita nesse rompimento: "Esse boicote não é de interesse dos bancos europeus. Eles têm investimentos com bancos brasileiros, e não é interessante perder essa dependência". Sampaio Filho também lembrou que nos contatos mantidos com bancos da França, Inglaterra e Holanda não sentiu essa ameaça: "Nossas operações estão tranqüilas. Percebemos apenas que estes bancos fazem as prorrogações em prazos muito curtos, na base de *overnight* ou de até uma semana, alegando aguardar um pronunciamento do comitê de negociação".

"CIÚMES"

Para o economista Carlos Alberto Longo, essa ameaça não passa de uma forma de chamar a atenção: "Provavelmente estão enciumados, uma vez que a participação européia na dívida brasileira é menor que a americana". A mesma posição foi manifestada pelo economista Roberto Macedo, para quem o único perigo é que se acontecer, esse rompimento isolado poderá comprometer os outros acordos. Na sua opinião, a notícia dificilmente se confirmará, uma vez que não há motivos que justifiquem esse rompimento.

Já Henrique Ratner acredita que um rompimento poderia ser esperado, tanto por parte dos credores, que não querem prorrogações indefinidas, quanto por parte do Brasil, que não pode continuar pagando dez ou 12 bilhões, a título de juros. Para ele, essa posição européia poderá até forçar uma proposta brasileira semelhante à do Peru, para pagar os juros na proporção do saldo da balança comercial.

O economista acredita que um rompimento desse tipo afetará a continuidade de linhas de crédito para importações e o financiamento de certas exportações e trará problemas sérios para a política cambial e financeira do País nos próximos meses.